

Introdução

A associação que procuramos fazer entre a linguagem na filosofia de Nietzsche e a idéia do termo grego *phármakon* nos apareceu quando da leitura de *O Nascimento da Tragédia*. Segundo Nietzsche, a origem da tragédia se deu na busca de realizar a união da embriaguês com a lucidez, numa experiência de simultaneidade dos impulsos artísticos apolíneo (das belas formas plásticas, da harmonia) e dionisiaco (da embriaguês, da dissolução das individualidades das formas, do não-limite). E é justamente nesse ponto que, para ele, se configura a função terapêutica da linguagem, como o principal elemento apolíneo a incorporar os impulsos dionisiacos através da união e harmonização com a música. Mas por outro lado, Nietzsche atribui a Sócrates a responsabilidade pela decadência da arte trágica por meio da influência sobre Eurípides, traduzida na supervalorização da linguagem frente à música em suas peças, com a conseqüente perda da tensão dramática e da força artística, em virtude de uma maior clareza intelectual da história representada. O que se deu sob a perspectiva do que denominou de “socratismo estético” que considera a linguagem como um meio de desvelar racionalmente a verdade. O que para Nietzsche acaba por se tornar um veneno que veio a matar a tragédia antiga. Ou seja, a problematização nietzschiana acerca da origem e ocaso da tragédia sugere a idéia de que a primeira investida do racionalismo sobre a cultura grega se deu justamente sobre o domínio da linguagem.

Mas a releitura da tragédia grega foi apenas o ponto de partida, o mote a ser glosado ao longo de todo o caminho da filosofia de Nietzsche, que, desde *O Nascimento da Tragédia*, já parecia ter um objetivo em vista: uma releitura, uma transvaloração dos valores da tradição racionalista inaugurada por Sócrates. Nietzsche considera a razão dialética como sendo a expressão do que ele chama de “sede incontida pelo conhecimento”, que se caracteriza pela intenção de julgar a vida segundo um critério de certeza, atribuindo-lhe um valor segundo esses mesmos critérios. Uma espécie de concupiscência intelectual em relação à vida, impondo-lhe o ideal de verdade enquanto um valor eterno e imutável, a fim de determinar-lhe um “sentido” de uma vez por todas. Mas como iremos verificar nesse trabalho, tal julgamento não é possível, pois a “certeza” racional acerca da

vida mostra-se um engano, já que é na própria origem da linguagem, o principal instrumento humano de investigação, que esse engano é forjado. Insistir no contrário é, para Nietzsche, sinal de decadência do espírito, fraqueza, doença, no sentido de ir contra a vivacidade e multiplicidade dos impulsos, buscando congelá-los nas frias imagens conceituais, com o simples objetivo de se fugir do sofrimento provocado pela consciência da morte e conseqüentemente da ausência de sentido da vida.

Assim como o ocaso da tragédia e a ascensão da razão dialética deram-se pela mudança do papel da linguagem na vida grega, a releitura nietzschiana da tradição racionalista passará, e arriscaríamos até a dizer começará, necessariamente pela crítica à valorização da linguagem pela metafísica como sendo um instrumento para se chegar a um suposto e idealizado mundo do puramente inteligível. E numa sociedade cada vez mais racionalista e “doente”, que era como Nietzsche encarava a modernidade, faz-se para ele necessário o surgimento de um novo tipo de filósofo, trágico, tal como um médico a ministrar um tratamento artístico em seu paciente. Nesse tratamento, a linguagem terá um papel fundamental, sendo utilizada de maneira mais livre e libertária do que a forma racionalista, numa relação direta com a proposta de um novo valorar. Daí a nossa intenção de analisar a linguagem dentro da perspectiva da idéia sugerida pelo termo grego *phármakon*, cuja “essência” é definida por Jaques Derrida: “A ‘essência’ do *phármakon* é que, não tendo essência estável, nem caráter ‘próprio’, não é, em sentido nenhum dessa palavra (metafísico, físico, químico, alquímico), uma substância. O *phármakon* não tem nenhuma identidade ideal, ele é aneidético, e primeiro porque ele não é monoeidético”.¹

Tal definição vem diretamente ao encontro com o que Nietzsche descreve a respeito da linguagem. Esta, não tendo um sentido fixo, um papel pré-determinado, opera ora como um instrumento dos impulsos na criação humana do mundo “antropomórfico”, ora como a principal força, impulso, criador do “eu” consciente no homem. E dentro dessa dinâmica, tal como um *phármakon*, pode representar o instrumento coercitivo por excelência do intelecto, na medida em que é usada para se tentar impor um valor fixo e determinado para a vida, provocando o envenenamento e adoecimento do homem, ou o meio libertador e

¹ Jaques Derrida, *A Farmácia de Platão*, p. 73.

potencializador do espírito, na medida em que permite o permanecer em aberto para as novas perspectivas e possibilidades que a vida oferece a cada momento.